



O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO: CARICATURA RISTA
SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO
ESTEVÃO DE CARVALHO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
JULIO DUMONT (ORLANDO)
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHOGRAPHADO
NA EDITORA L. COYNE DE BABÃO, 60 - LISBOA

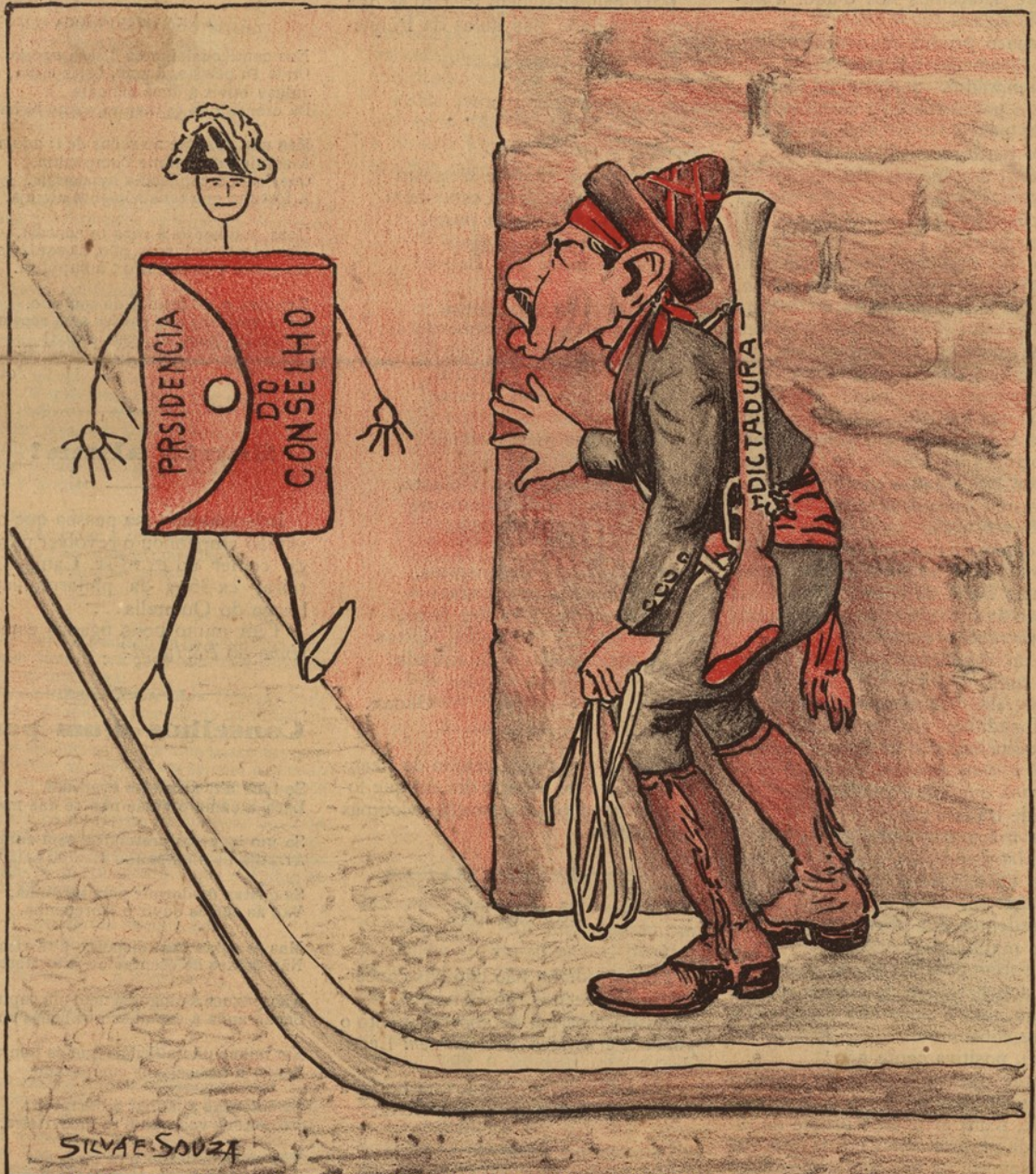
REDACÇÃO
E
ADMINISTRAÇÃO
R. DA ATALAYA, N.º 42827
LISBOA

ASSIGNATURAS
ANNUO 1000 REIS
SEIS MEZES 500
TRES MEZES 300
NUMERO AVULSO 20 REIS
ANUNCIOS PREÇO CONVENCIONAL

Abonnement
R. DA ATALAYA, N.º 42827
N.º 82

Terça feira, 21 de SETEMBRO de 1909

A EMBOSCADA



SILVA E SOUZA

ESPREITA-A A VER SE CONSEGUE APANHAR-A NO LAÇO

CHRONICA

O que é preciso!

— Onde irá isto parar? pergunta-me ha dias um capitalista, o unico que conheço.

Não é facil a resposta n'este cahos immenso em que se rebola esta politiquice «vida nova» que segue imperturbavelmente a senda da vida velha.

Onde irá isto parar?

Perguntae á creança que faz subir um balão de papel nas vespas de Santo Antonio qual o seu destino.

Sabei, se podéis, onde acabareis os vossos dias e onde irão parar os vossos despojos inanimados e frios.

A resposta será o X de um problema sem solução ou a decifração de uma charada indecifrável.

Onde estaremos nós d'aqui a minutos?

O acaso produz mudanças repentinas, raramente felizes.

No emtanto, analysando detidamente a politica actual, nós abstermos de perguntar a outrem: — onde irá isto parar?

E' facil a resposta, embora um facto accidental possa altera-a na sua essencia.

O marquez de Pombal disse na occasião em que era exilado pela sentença da jesuitica D. Maria I, a *doida*, como lhe chamaram, mas a vilissima complice dos inquisidores que seu pae expulsara, esta phrase enorme que é a resposta unica e racional:

— Portugal vae á véla!

Hoje que a sciencia domina o mundo e a electricidade é o principal motor de todas as actividades, Portugal não vae á véla, mas caminha para o abysmo da ruina com toda a força da tracção electrica.

Discutem-se os orçamentos de uma nação de cinco milhões de habitantes em meia duzia de horas, como se se tratasse da situação financeira de qualquer merceiro mediocre.

O tal regimento da camara permite tudo.

Com elle consegue-se fazer votar de afogadilho, com o concurso de uma certa maioria de figurantes sem nome e sem miolos, tudo o que os governos querem e pensam.

Onde irá isto parar?

A's mãos dos estrangeiros que já estão lambendo os beiços e preparando as aguçadas unhas para nos empolgarem, como agiotas gananciosos, sedentos dos proventos naturaes d'este malfadado torrão.

E' porém possível que se enganem.

O actual estado de cousas conduz á ruina, mas o povo não deixará que ella se consumme.

Não, positivamente não!

Antes que os aulicos do regimen entreguem aos crédores o paiz, este ha de, n'um arranco vibrante de dignidade propria, expulsar de uma vez para sempre os que tentam vendelo e proclamar á face do mundo inteiro um regimen novo cuja divisa seja:

Liberdade, Igualdade, Fraternidade e... Honestidade.

Esse regim é a Republica.

J. DUMONT — (Orlando.)

Um figo?

Nos Terremotos um cabo de policia chamou a um cartão d'identidade de um telegraphista bilhete de cyclistista.

O que elle não chamaria a uma coisa que nós sabemos se a apanhasse!!

O *Jornal do Commercio* ridicularisa o movimento de sympathia a Ferrer.

Pois está perdendo uma excellente occasião de estar calado.

Para calinadas bem bastam as que tem despejado nas aulas da Polytechnica.

Serias...

Tenho um enorme desgosto
Que não me deixa estar bem,
A navegar no meu posto.
Findou a feira d'agosto
Que se muda p'ra Belem!

As turbas rapioqueiras
Berram chorando amarguras:
Adeus, gentis camareiras,
Adeus, famosas *piteiras*,
Adeus, gostosas faturas!

Belem fica mais distante
Mas na inauguração,
Com minha prima Violante,
Lá estarei todo flammante
Na bella *di* a reinação.

E p'ró anno, sem recatos,
Em barraca reservada,
Para ganhar p'ra dez fatos,
Eu vou expôr o padre Mattos
A meio tostão cada entrada!

OSCAR.

Consta que o julgamento do Leandro se fará no mesmo dia em que forem enterrados os ossos das victimas do incendio.

Não faz mal

Por que diabo não dão uns concertos, umas recitas, no Limoeiro?

Assim morrem de aborrecimento o *pobre* Fernandez e o *virgem* Leandro.

Deixem-n'os ao menos ir ouvir a musica ao Rocio ás quintas feiras!

O' rapazes: o que é feito do Abilio Magro? Sumir-se-hia?

Arre, estupor!

Se na camara dos deputados a discussão (?) do orçamento foi feita a nove, na dos pares foi a dezoito!!!

E ainda *aquillo* está aberto!

Está provadissimo que ainda tem menos vergonha o *Zé* que o padre Mattos! Ao menos esse, para fingir que não é pae, abandona os filhos, enquanto que o pagante não abandona a inercia em que vive.

Então quando temos nova rainha?...

Estamos com interesse em que venha para cá a pequena consolar o *rapazito*...

Tiro ao alvo

A UMA TITULAR RICA

Nos canticos dolentes d'essa egreja
Onde tu passas, dizem, noite e dia,
Julgas ouvir a doce melodia
Da creença que te inspira e que te beija.

Mas não vês que ao redor de ti adeja
A sotaina da infame Companhia,
Que, com a conhecida hypocrisia,
A fortuna que tens sómente almeja.

Reza, mulher se a reza te consola,
Mas não te esqueças, não, da santa esmola
Ao pobre que faminto t'a supplica.

Expulsa o vil jesuita do teu seio,
Dá o dinheiro aos pobres sem receio:
A "sucia, jesuitica, essa é rica!

JULIO.

Santa alma!...

Informa-nos uma pessoa que o Balsemão empenhou o revólver para dar de comer ao ex.^{mo} sr. Campos Ferreira, ex-3527 da philharmonica do Largo do Quintella...

Tem muito bons figados este *santinho* do Portugal!...

Conselhos d'um parvo

Se tens d'ir á receita eventual,
Leva a cama e verás não te dás mal.

Se um logar tu pretendes, sem zumbais,
Arranja bom empenho mas de saias.

Se gostas de dormir pela tardinha,
Vae ás côrtes ouvir o Moreirinha.

Mas se estás bem disposto p'ra risota,
Não deixes de escutar o Pinto Motta.

Não pagues a ninguem nem um copinho,
Senão anda a espalhar que bebes vinho.

Em folhas não affirmes que és honrado,
Senão a *tunantões* és comparado.

Se intentas apanhar a Jarreteira
Vé se tens vocação p'ra alcoviteira.

Não sejas delicado p'ra ninguem
O coice sae de quem se trata bem.

TANSO.

Animatographo... vivo

Na ultima semana a policia entreteve os seus ocios, á falta de bernarda grossa, em fazer rusgas.

Compreende se e louvá-se uma caça a malfeteiros, gatunos e quejanda malta que por ahí abunda.

Mas o que é absolutamente intoleravel é que se prenda a torto e a direito e que pelo facto de um homem pobre não poder usar chapéu alto e labita, mas uma blusa de operario, lhe deitem a mão sem consciencia nem justiça.

A phrase de um celebre policieiro: "— prenda tudo bom e mau, que depois amanhã escolhe-se, não é mais que o grito de uma patifaria.

Misturar tudo na porcaria de um calabouço infecto para, depois de uma longa noite de tortura, escolher, quasi sempre mal, está abaixo de toda a critica.

Façam rusgas, mas sejam humanos.

Anda muito mariola
Pelas ruas a flamar,
De fina bota e cartola.
Esse não vae p'rá gaiola
E da rusga anda a troçar

Mas quem trabalha com brio,
Para ter algum conforto,
Sem conseguir dar um pio
Vae preso como vadio!

.....
Irra, que mundo tão torto

Apoiadissimo

Consta que alguns padres, dos que não estão acorrentados ás algemas jesuíticas, pensam em lavrar um protesto contra as especulações e excessos da *sucia* do Mattos.

Fazem muitissimo bem.

Esse ultramontanismo feroz e politico tem prejudicado cem mil vezes mais a religião que todas as sessões do livre pensamento, livros e artigos anti-clericaes.

Os coices do Pelourinho e quejandos coios é que fazem com que o padre seja mal visto.

Sem isso era um homem como outro qualquer que se "governava bem, no emprego e não um inimigo de quem todos temos a receber.

Diga o clero com coragem,
Sem temer a revindicta,
Que não quer camaradagem
Com o infame jesuita.

Em Berlim realisou-se ha pouco um congresso feminista a que assistiram cêrca de seis mil mulheres.

Caramba! Quem nos dera lá estar para assistir áquella exposição de carinhas bonitas e caretas feias!

O mais curioso é que uma parte das congressistas apresentaram-se com o cabelo cortado como os homens e naturalmente fumando charuto e levando bengalinha.

Como ha o espirito de imitação em toda a parte, é possível que n'um proximo congresso masculino appareçam homens de cabelleira á Daupias e leque de plumas para afastar o calor

E' nas damas sempre bello,
Um bem sedoso cabelo
Que enfeita as carinhas alvas,
Mas agora me informaram
Que as taes damas que o cortaram
Já praticavam p'ra... calvas!

Um centro francaceo mandou distribuir circulares pedindo socios e depois de choringar como qualquer mendigo de arraial sertanejo, diz que os fungagás lutam com a crise desde a fuga do dictador, crise em grande parte devida ao pavor que por essa época assentou arraias na sociedade portugueza, mas que (diz a

circular) *felizmente julgamos passada*, pois não só vemos multiplicando-se dia a dia as adhesões ao partido regenerador-liberal, mas tambem já se nos antolham melhores dias no porvir.

Mas, ó meninos, se a crise está passada e as adhesões são aos mólhos como os agriões, porque andam assim á laia de fungagá manhoso ou montepio *rebentado*, a mandar prospectos a toda a gente?

Emquanto aos melhores dias, ha de ser o que disserem tres medicos.

Vão andando assim, rapazes
Sempre finos, circumpectos.
Distribuem mais prospectos
E ponham tambem cartazes.

Como aos *xentros* ninguem vae,
Entrettenham n'isso os ocios,
Mas a respeito de socios...

No hay

ORLANDO.

Verdades Crúas!...

Encontra-se publicado mais um numero das *Verdades Crúas*, do notavel escriptor Gomes Leal, tendo como sub-titulo: carta a Maura.

Estes pamphletos tem alcançado um exito tão extraordinario, que só a livraria Ferreira n'um dia, requisiitou 700 exemplares.

Supplica!

O' meu rico *Bacoquinho*,
Não te escames por favor,
Diz ao Mattos, vil, damninho,
Que não beba muito vinho,
Que é peccar contra o Senhor

Diz tambem ao Wenceslau,
P'ra sahir d'este torpor,
E se acaso for *marau*,
Que não seja muito mau,
Que é peccar contra o Senhor

Pede mais ao Alpoim
Que não seja engraxador,
Quando não faço chinfrim
Pois não gosto d'elle assim
A peccar contra o Senhor

Se assim fizer's, meu velhinho,
Já não te chamo estupor,
Dou-te com força um beijinho,
Vou beber lá do teu vinho,
Sangue de Nosso Senhor

ZÉ LHEU

O "MUNDO,"

Entrou no decimo anno de publicação este denodado campeão democratico, que tem atravessado uma existencia atribuladissima, devido á forma altiva como tem sempre combatido os reaccionarios do nosso paiz.

No dia do anniversario do nosso illustre confrade, conforme os demais annos, todo o pessoal offereceu ao seu director um almoço que decorreu no maior entusiasmo.

Ao *Mundo* e em especial ao seu director o nosso amigo França Borges apresentamos as nossas felicitações, desejando-lhe as maiores prosperidades.

Carvalho Pessoa

A este nosso prezado amigo, pedimos que nos indique a sua morada, pois só devido a ignorarmos-a é que não lhe respondemos á sua amabilissima carta.

Sôr Redaitor

E nen quero saber sa vomecê istá ben, ou sa ten maleitas, ou o raio cá parta istu tudo.

Istou dannado

Entan o tal home do Badalo, o tal cavallêro ca fugio, o tal do Seringado d'Algés, bota um papel de embrulhar sapatos e lá pró ca quiz botar iscurso ao Seringado pra sa defender, ten a pouca vergonha da dezer ca gente arrecebeo denhêro, pra le largar lóas.

O' sê alma d'um macho! O' sê istupor!

Olhe ca cá o saloio nan é d'esses! E vomecê ben o conhece e ben sabe ca elle o ca diz nan nega nen arredua adeante de calquer aventesma.

E dice ca vomecê avera fujido dos toiros e arrepito.

Lá com as questans das massas isso é lá com vomecê e mal o Seringado.

Agora u ca queria era ca o Seringado dêsse a toirada da beneficencia para ver se vomecê lá ia e botava *fe-gura*.

Mal vomecê ben sabe ca isto de ser cavallêro, é assim amoidos arrescado.

Ora se não veja lá:

Vomecê entra, e o ca le dão para a mão?

Um pau enfeitado com papeis de côr. Nan é verdade?

Vomecê avança; sae o toiro. Aqui é ca san ellas!

E vomecê fez logo este fêtufo; e foi munto ben fêto.

E só le posso dar com um pau, mal elle se m'agarra dá-me com dois. Poi intão nan vou lá!

E foi o ca foi, e tudo mais san três como diz a ama do sôr prior ca é d'Avintes.

Mal agora arreparo ca escrevile a si e dezatei a iscompostura ó cavallêro d'Algés.

Olhe deixal-o sa quer publicar, publique ca é nan me assusto com isso.

Isendo verdades istou sempre pronto; mal ade ser plo derêto.

Sou sê amigo

MANEL CEGUINHO.

Oliveirinha da Ronha, logar da Fronha

18-9-909.

Digam lá

O' Mattos, que casa vão vossês assaltar agora?

Já escolheram?

A vítima da reacção



FRANCISCO FERRER

SILVA SOUZA

Começamos hoje propriamente a publicar a imitação ao poema de Camões, que decerto os leitores do *Xuão* hão de seguir com interesse.

São seus auctores o nosso camarada de redacção Alberto Barbosa (Rei Luso) e Joaquim Neves (Viu-se Grego).

Quanto ao merito da imitação os leitores que se pronunciem...

I

As ladras e os ladrões assignalados,
Que esta occidental praia lusitana,
Por modos nunca d'antes explorados,
Roubaram d'uma fôrma muito insana,
Em roubos e mil burlas descarados,
Mais do que se permite á gente humana,
Para as costas do Zé sempre arranjaram
Peixe-espada, que tanto elogiaram.

II

E tambem as trapaças já famosas
D'aquelles reis, que foram vasculhando
As nossas algibeiras... *melindrosas*
Com modo santarrão e muito brando
E aquelles que por artes hab'lidosas
Se vão ás leis do reino ja safando:
Berrando espalharei por toda a parte,
Se a tanto me ajudar a manha e arte.

III

Que cesse do Brandão, gatuno insano,
E de outros, que *palmanços* cometeram,
A fama do seu nome tão parrano
Nas grandes roubaheiras, que fizeram,
Que eu canto o *Grão-Bacôco*, o Luciano,
E os outros, que ao seu mando obedeceram.
Cesse tudo que a musa antiga canta,
Que eu canto muito illustre sacripanta.

(Continúa.)

REI LUSO E VIU-SE GREGO

Da vida de solteiro a despedir-se
Lá vae em passeio pelo estrangeiro
O *D. Manuel* que quer só divertir-se,
Gastar o nosso já, escasso dinheiro...

Da vida que passou quer redimir-se,
De quem lhe alegre a vida vae ao cheiro,
Que a gente n'este mundo quer é rir-se,
Demais quando quem paga é o parceiro...

Faz bem rapiocar, ainda é novo,
Tambem o seu papá rapiocou,
Morrendo co'o papo cheio qual ovo!

Se o filho taes lições bem decorou,
Não diga nunca mal d'este bom povo
Que o pae até á ultima chupou!

PICHIRINÉE.

A palacianada anda brava que nem
gatos uns com os outros. Todos que-
rem ir a Londres com o senhor D.
Manuel.

São muito amigos do monarcha. Já
quando foi por occasião do primeiro
de fevereiro nunca o abandonaram.

São de uma dedicação a toda a
prova!

A LANTERNA

Paulo Emilio, o brilhante pamphle-
tista, continúa lançando com a sua
Lanterna uma vasta illuminação na
estrada densissima da vida religiosa.

Os numeros publicados teem alcan-
çado um verdadeiro successo littera-
rio, o que não é para admirar, pois
realmente toda a sua leitura é agra-
dabilissima.

Quando se enterram os mortos da
Magdalena?

Agora, talvez lá mais para o ve-
rão.

O Papão

Sabem quem é, não sabem?
E' a *metralhadora*, que deve ser
por força idéa do Padre Mattos.

E' mesmo em cheio um titulo para
bebida branca.

A metralha... é a amendoa!

Ao pianino

Quando os meus olhos te viram
Estavas tu morta de pena
Por não ter inda pennacho
O pateta do Vilhena.

Valham-nos chagas de Christo,
A virgem Nossa Senhora,
O que será dos atheus
Em vindo a *metralhadora*!

Torradinhas com manteiga
Curam rapidas os flatos
E não vem um raio que parta
O estupor do Padre Mattos!

PICHIRINÉE.

Diz o nosso collega o *Mundo* que
o fallecido rei ia muitas vezes caçar
a uma vastissima tapada pertencente
á quinta de uma titular em Cintra.

Seria na tapada de baixo ou na de
cima? Naturalmente era na de baixo,
porque, em geral são mais frondosas
e de melhor accesso.

N.º 30 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 21 de setembro

As seis mulheres do sr. Pinguin

CAPITULO XV

Um escandalo na musica

A SARAH. — Não lhe dê ouvidos, senhor ofi-
cial, é o marido d'ella que eu conheço e por
isso quiz-lhe falar.

A MARGARIDA. — Theophrasto, minha joia,
estás-te portando muito mal!...

O AGENTE RAFLOT, meio atordoado. — Vossês
calam-se ou não?

A SARAH. — Então para que nos inter-
roga?

O AGENTE. — Cale-se! Que faz aqui?...
Quem é?

A SARAH. — Uma pobre mulher, para o
servir, senhor capitão!

O SR. PINGUIN, timidamente. — Eu vou dizer
tudo... Nós passavamos, quero dizer,
davamos a volta, a minha esposa e eu, on-
vindo a musica de que gostamos muito, por-
que...

A MARGARIDA. — Estás atrapalhado, Theo-
phrasto!

O AGENTE. — Cale-se!... Fale o senhor!

A EUDOXIA, com volubidade. — Eu lhe ex-
plicio isso melhor do que o meu marido!...
Elle leva muito mais tempo...

A SARAH, rindo-se. — Oh! A senhora está
com muita pressa!

A MARGARIDA, em ar de troça. — Não faz
nada com ella, senhor agente.

O SR. PINGUIN. — Peço-lhe, sr. Ráflot... ou

não, senhor empregado, ouça-me. Eu passa-
va, quero dizer, dava a volta com a minha
esposa...

O AGENTE, com impaciencia. — Outra vez?
A EUDOXIA, furibunda. — Então, se não quer
ouvir nada, deixe-nos socegados... Vamos
para casa...

O AGENTE, com impaciencia. — Não, lá isso
é que não... Tenho de fazer uma parte...
Barulho nocturno, falta de respeito á poli-
cia... Acompanhem-me os quatro á esqua-
dra, para se entenderem com o senhor com-
missario.

Os espectadores, que riam a bandeiras
despregadas, afastaram-se para os deixar
passar, mas a maior parte d'elles accompa-
nhou-os.

Então, quando o agente Ráflot avançava
gravemente com os seus quatro presos, um
homem alto, muito correcto e bem posto, poz-
se-lhe na frente e, tirando o chapéo, pergun-
tou-lhe com toda a delicadeza:

— Peço-lhe desculpa, senhor agente, mas
poderia fazer-me o grande favor de me dizer
onde é a rua des Jardinets?

O agente, furioso por ser interrompido na
sua marcha triumphal, respondeu, encoleri-
sado:

— Não tenho tempo para o ensinar!...
Bem vê que vou em serviço...

— Senhor agente, respondeu o Sécigner
com um socego perfeito, não conheço esta
cidade.

— Que tenho eu com isso? disse o Ráflot.

— Peço-lhe que não me interrompa, tornou
o Sécigner. Dizia eu que não conheço esta
cidade, e é ao senhor, só ao senhor, que ten-
ho de pedir as informações de que preciso;
o seu caracter e a sua posição obrigam-n'o a
responder-me como eu lhe pergunto, com de-

licadeza.. Pela ultima vez, sim ou não, quer
dizer-me onde é a rua des Jardinets?

Um pouco surprehendido com esta insis-
tencia, o agente olhou para o seu interlocu-
tor, resmungou uns monosyllabos, puxou pela
barba e depois acabou por dizer:

— Vá pela Rua Larga; é a terceira á di-
reita, depois da rua do Bois...

— Agradeço-lhe do fundo do coração, se-
nhor agente, a sua amabilidade e delica-
deza.

E depois de o cumprimentar silenciosamen-
te, o pintor afastou-se com frieza e digni-
dade.

Durante este curto dialogo, a Margarida
e a Sarah tinham desaparecido. O agente,
quando se voltou, deu pela falta d'ellas, olhou
lastimosamente para os esposos Pinguin e
exclamou com severidade:

— Onde estão as suas duas cumplices?

— As nossas cumplices!... replicou a Eu-
doxia. Essa é boa! As nossas cumplices?...
Eu sei lá onde ellas estão?

O Theophrasto, que tinha reconhecido o
Sécigner por tel-o encontrado no *Café Pail-
lard*, murmurou, compungido, ao ouvido do
agente:

— Foi o barão de la Riflardière.

— O que?... Que está vossê para ahí a
cantar?... Que barão?

— Aquelle senhor que lhe perguntou onde
era a rua des Jardinets...

— Basta!... Cale-se!... Está doido!...

Visto que as suas cumplices se safaram, ven-
ham commigo... Pagarão por ellas. E ten-
ham a certeza de que lhes ha de sahir cara
a festa!

E lá foram todos para a esquadra.

(Continúa.)

Ao dictador

A PROPOSITO DA SUA CHEGADA A PORTUGAL

Da tyrannia és a quinta essencia,
O fôste lealmente do cynismo;
Em ti impera activo o casmurrismo
E tens o dom do tigre por excellencia.

A tua mente nunca formulou
Coisa de geito ou mesmo trivial.
Tens um instincto féro, d'animal,
Um crasso erro fez quem te gerou.

E julgas-te porém, um ser notavel,
E que o paiz se curva reverente
Perante ti, ó monstro repellente.
Que lhe legaste a lei mais condemnavel?

O sangue já correu á tua voz;
Armaste em vil Tiépoft, portuguez;
Quizeste semear a viuvez
Com um decreto pérfido, atroz.

Acutilaste o povo desarmado
Que te mostrava a sua opinião.
Não viste, nunca, cego ruíão,
Que lhe ferias, d'elle, o mais sagrado?

Tu tens lá nunca isso que se chama
O fino tacto, o brio, o pundonor?!
Quizeste ser, maldito, o oppressor
Da Liberdade que contra ti clama!

Renega tudo e desce á tua esphera
D'onde nunca deveras ter sahido;
O teu convivio torpe, embrutecido
Só o merece qualquer bruta féra.

Sim, vae, e diz á tua gente, pois
Que o povo só te dá o seu desprezo.
Sim, vae, procura o Russo, o Chico Tezo
E vae então com elles tomar dois.

STYL.

CONTOS DA ALDEIA

DIALOGO ENTRE O CONSELHEIRO RATA-SABIA
E O DOUTOR FARTA GUEDELHA

Sobre a meza de cabeceira do conselheiro Rata-Sabia ardia uma grande lampada de azeite que illuminava o quarto melancolicamente e este, recostado no leito sobre um grande almofadão, conversava familiarmente com o doutor Farta Guedelha.

— Com que então, conselheiro, lhe diz o medico, você entende que este ministerio pode prolongar-se ainda por muito tempo com todas estas coisas que para ahi vão?

— Veremos; pôde ser que de um momento para o outro tenhamos que mudar de tactica, mas, por enquanto convem aproveitar a paz podre que este presidente Cataplasma nos proporciona com a sua politica de agua morna.

O que não quer dizer que o meu plano não esteja sempre traçado.

— Mas diga-me; julga que el-rei na primeira occasião chamará o Lilio da regeneração a formar gabinete?

— Não pense n'isso; isso é mal que lhe fizeram, homem. El-rei, aqui para nós, que ninguém nos ouve, ouvirá sempre o meu são conselho e fará o que eu disser. Ah! que assim eu tivesse tanto de pernas como tenho de ronha e cabeça, que outro gallo me cantaria.

Mas, ainda a proposito; você julga, doutor, que esse poeta sem musa que para ahi anda fazendo versos á lua da presidencia do conselho alguma vez lá vae? Não pense n'isso, nem ninguém. Aquillo é um barco sem bussola para estas travessias da politica onde toda a ronha é pouca para nos livrarmos dos cachopos da intrighalha palaciana. Todo aquelle apparato bellico de rethorica vã com que elle se engalana cada vez o compromette e ridicularisa mais. O homem não nasceu para isto; não tem quêda; é um açorda assustadico, sem energia, sem perspicacia e sem tactica. Como

chefe de partido é desconhecido e apopiado pelos proprios correligionarios. É um perfeito sabujo. Quizera uma unica vez fazer uma coisa que retumbasse em todo o orbe, mas, faltou-lhe a coragem ou o engenho; o que é certo é que o grande cometimento que annunciou para o tal dia de janeiro, com rompanse de leão, teve sahida de rafeiro reles. Limitou-se, apenas, a cingir á laia de cinta a bandeira desbotada de Ferreira e mostrar-se garridamente, á turba-muita da vida, como se aquillo fosse já uma preza de guerra. Factos que ficaram registados na historia d'os farçantes tristes.

Sabe o que lhe digo, doutor? É que a natureza tem productos extravagantes, é certo, mas todos são aproveitaveis, a questão é saber-os applicar. Por exemplo; Este espalhafatoso poeta de comicas fanfarronadas não nasceu para chefe de partido nem de coisa nenhuma.

Leval-o a isso foi contrariar-lhe a propensão. Todos os seus actos teem uma tendencia extraordinaria para o comico-burlesco.

E depois deixando escapar um sorriso malicioso, diz:

— Olhe, doutor, não deviam desviar do seu meio. Deviam vestir-lhe uma farpella de setineta barata, pintarem-lhe a cara de branco e vermelho e veriam o homem no seu elemento, isto é, fazendo rir as multidões não já como curioso como até então, mas, como artista consummado, exhibindo a sua estupidez no tapete das mullidades da época perante um publico que o lastima.

— E o outro, conselheiro? O gordo Zé Maria não terá probabilidades de?...

— Oh! coitado; esse viverá eternamente com o remorso de me ter deixado, procurando definir a sua côr politica. Ha de passar a vida inteira escolhendo o que lhe convem ser.

STYL

Colyseu dos Recreios

É no proximo sabbado 25 que se inaugura a época de inverno n'este magestoso circo, um dos primeiros da Europa.

Antonio Santos, o infatigavel empresario, conseguiu reunir elementos de primeira ordem e tudo faz prever uma temporada brilhantissima.

Theatradas

Uma tarde d'estas, absolutamente falto de dinheiros, coisa que me succede ameudadas vezes, resolvi ficar em casa, muito commodamente no meu pequeno quarto.

Peguei n'um livro e, como ainda se via bem, sentei-me ao pé da janella que deita para o saguão.

La a começar a ler quando a vizinha de cima começou de parola com a sopeira do predio fronteiro.

— O' menina Annica, tem hoje muito trabalho?

— Nada, senhora Engracia. O patrão jantou e sahio e a patrôa está na sala com o primo.

— Sósinhos os dois?

— É o costume. Mal o patrão sae fecham-se os dois e não sei se estão a conversar se o que estão a fazer.

— Imagino. Ai, menina Annica, no meu tempo não se viam d'essas coisas.

— Faça ideia. Mas eu parece-me que o patrão sabe. O meu rapaz, que é da policia, já lhe mandou uma carta anonyma assignada por elle.

— E vae d'ahi?

— Leu, ficou assim meio arrepiado, coçou na cabeça, passou a mão pela testa e

depois rasgou a carta e atirou com ella pela janella fóra.

— E não disse nada á mulher?...

— Isso sim. Ella, que o viu deitar a carta fóra, é que fez uma scena que a vizinha não imagina. Berrou que aquella carta era de alguma amante, chorou, ameaçou-o, o diabo.

— E elle?

— Ora! Pôz-se a fazer-lhe bichinha-gata, jurou pela sua salvação que não era carta de mulher e no fim convidou a para ir á

Trindade vêr a revista *No paiz do vinho*, que tem vilhas de graça. A senhora Engracia já viu?

— Ainda não. O meu homem levou-me outro dia a vêr a *Abelha mestra*, á

Rua dos Condes, que tambem é muito bonita. Olhe, tem lá os Moritzz que fazem rir as pedras e a musica do Luz é lindissima.

Quando a patrôa me der licença para saber, se o meu 8007 estiver de folga, elle dá-me uma borla e vamos ambos e dois. Mas voltando á vacca fria, isto é, á patrôa. Fomos para a Trindade, que tinha uma enchente á cunha, o que succede todas as noites que vae o *Paiz do vinho*, e lá se arranjou um camarote de lado. Nova scena que até foi uma vergonha. A patrôa berrava que de lado não queria, que só estava acostumada de frente, queria ir-se embora, um inferno.

— Mas afinal sempre foi, não é verdade?

— Pudera. Apareceu o primo, por acaso, já se vê...

— Essa não como eu, menina Annica. Foi ella que o preveniu...

— Não querias! Elle lá a convenceu e o patrão ficou tão contente que até lhe apertou a mão.

— Que descaramento! Ha gente tão sem vergonha! Havia de ser com o meu homem. Aqui ha mezes fomos os dois ao

Salão Rocio vêr o animatographo e ouvir as cançonetas da petizada, que são um encanto. Pois quando estava tudo ás escuras, um atrevido qualquer fez-se tolo commigo e deu-me um beliscão.

— Onde, ó vizinha?

— Não digo. Olhe, foi na parte mais carnuda que a gente tem.

— Já sei. Ah! ah! ah!

— Eu dei um grito e o meu homem mal soube o que era desembolou-se e ia sendo o fim do mundo. Obrigou o atrevido a sahir e cá fóra deu-lhe um pontapé exactamente no mesmo sitio.

— Pois cá o patrão é assim. Eu não gosto de levantar falsos testemunhos nem de dizer mal, mas parece-me que a patrôa não o atraiçoa só com o primo. Ella ás vezes sae á tarde, diz que vae fazer compras mas eu nunca a vejo trazer nenhum embrulho.

— É que naturalmente isso é embrulho.

— Depois, aqui ha noites, foi commigo ao

Salão Avenida, que tem lá o tenor Laksana e a cantora Maria Carrasco, que são dois grandes artistas, e o Alfredo Silva, um comico de grande valor. Estranhei que ella me levasse, mas percebi que era para disfarce porque á porta estava um sujeito já velhote mas muito bem vestido que foi comprar os bilhetes e lh'os deu á sucapa. Depois, lá dentro, quando a sala ficou ás escuras, eu vi elle metter-lhe uma coisa na mão e ouvi ella dizer baixinho:

— A'manhã, ás duas, lá em cima. Não falte.

— Ai, menina Annica, este mundo está perdido. Mas que coisa era?

— Não vi; mas no dia seguinte a patrôa appareceu com uns brincos de brilhantes nas orelhas.

— E o marido não viu?

— Viu e ficou admirado. Mas a patrôa disse que os tinha comprado com as suas economias.

— E elle comeu a lôa?

— Ora! Ai, vizinha Engracia, quem me dera já casar com o meu rapaz para tambem poder fazer... economias!

— E eu, menina Annica, tenho pena de já estar velha, senão... tambem havia de fazer o que pudesse.

Fechei a janella, benzi-me e exclamei:

— Que santa gente!

SECRETARIO.

O Seductor da Virgem



SILVA E SOUZA

— O pequena, queres vir d'ahi até Algés?

— Está enganado, eu não sou a Fernanda. Eu só faço favores...

(a 200\$000 réls) para obras de caridade!...